



ENTREVISTA ONDJAKI: O PREMIADO ANGOLANO FAZEDOR DE ESTÓRIAS

Foto: Slobodan Saric



Ondjaki

Por Renata Beatriz Brandespin Rolon¹

O cenário da literatura contemporânea angolana, direcionada ao público infanto-juvenil, reserva nomes que merecem destaque, como o de Ondjaki. Suas obras trazem inscritas as manifestações culturais do povo angolano oriundas dos conflitos de guerra e das mudanças geradas na nação independente, sem perder, contudo, seu caráter artístico. Suas temáticas, que trazem no cerne marcas identitárias de uma nação, conduzem o leitor na direção do processo de construção do elemento estético na arte literária.

Ondjaki é um dos escritores contemporâneos mais premiados. Romancista, poeta, pintor, já fez teatro e documentário sobre a cidade de Luanda. É membro da União dos Escritores Angolanos. Licenciado em Sociologia, doutorou-se em Estudos Africanos. Recebeu os prêmios *Sagrada Esperança* (Angola, 2004); *Grande Prêmio do Conto* (A.P.E., Portugal, 2007); *Grinzane – young african writer* (Itália/Etiópia, 2008); FNLIJ – juvenil (Brasil, 2010); *Jabuti* juvenil (Brasil, 2010). Com romances, contos, poesia e livros infantis, foi traduzido para o francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio e sueco. Obras: *Actu Sanguíneo* (poesia, 2000); *Bom Dia Camaradas* (romance, 2001); *Momentos de Aqui* (contos, 2001); *O Assobiador* (novela, 2002); *Há Prendisajens com o Xão* (poesia, 2002); *Ynari: A Menina das Cinco Tranças* (infantil, 2004); *Quantas Madrugadas Tem A Noite* (romance, 2004); *E se Amanhã o Medo* (contos, 2005); *Os da minha rua* (contos, 2007); *AvóDezanove e o segredo do soviético* (romance, 2008); *O leão e o coelho saltitão* (infantil, 2008); *Materiais para confecção de um espanador de tristezas* (poesia, 2009); *Os vivos, o morto e o peixe-frito* (ed. brasileira / teatro, 2009); *O voo do Golfinho* (infantil, 2009); *Acto sanguíneo* (poesia, 2010); *A Bicicleta que tinha Bigodes* (juvenil, 2011); *Os transparentes* (romance, 2012).

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela FFLCH/USP



Renata - *Gostaria de iniciar nossa conversa tratando de sua produção direcionada ao público infantil e juvenil. Em Ynari - A menina das cinco tranças (2002) há uma estória que revela, nitidamente, um lugar. O leitor conhece uma aldeia e o comportamento de seus habitantes. Esse contar reflete elementos da tradição de África, de Angola. Como é fazer uma literatura que articula acontecimentos políticos sociais e elementos do fantástico maravilhoso?*

Ondjaki - Devo confessar que é algo quase natural. Penso que quase sempre escrevo a tentar articular o real e o fantástico. Muitas vezes, em Angola, uma coisa não está muito dissociada da outra. No caso de *Ynari...*”, apesar de haver algumas referências ao “real”, quase tudo veio da minha imaginação.

Renata - *Praticamente, em toda a sua obra, há o revelar da infância, do ser infantil. Penso que, não por acaso, em Ynari há uma dedicatória às crianças de todo o mundo – “Para todas as crianças angolanas e para as crianças de todo o mundo”. Escrever para crianças brasileiras, angolanas, espanholas, só para ficarmos em poucos exemplos, é a mesma coisa?*

Ondjaki - Sim. Deveria ser. Todas as crianças são crianças antes de terem uma nacionalidade ou um passaporte. E mesmo depois dos documentos, continuam a ser simplesmente crianças. São um clã, parte muito bonita da humanidade. O único pequeno problema de sermos crianças é que estaremos condenados a ser adultos... Para mim, escrever para crianças é escrever para todas e quaisquer crianças.

Renata - *Em AvóDezanove e o segredo do soviético (2009), a narrativa está ambientada em Luanda e a estória é contada sob o prisma do narrador menino. Ao longo do romance revelam-se os sonhos, as descobertas e as brincadeiras, próprias das crianças. Há também o emprego de uma linguagem tipicamente infantil. A opção de se contar os conflitos dos tempos de guerra, por intermédio desse narrador, pretende dar mais poeticidade e lirismo à narrativa?*

Ondjaki - Eu não vejo muitos “conflitos dos tempos de guerra” no livro *AvóDezanove*. Talvez, e apenas, implicitamente. Também detecto essa linguagem “tipicamente infantil” apenas nos discursos directos, nas vozes dos personagens quando falam, portanto, em diálogo. O que me dita “a voz dos narradores” é a própria estória, como a posso fazer mais literária, mas também mais coesa, mais interessante. As vozes de narradores infantis permitem é, muitas vezes, usar e potenciar um lado ternurento do discurso e da imaginação. Mas essa necessidade advém da própria estória que quero contar. Se o resultado obtido tiver mais poeticidade, melhor. Mas não estou seguro que eu tenha esse objectivo.



Renata - *Li, em uma das suas entrevistas, que você “navega” com o mesmo prazer tanto pelo conto quanto pelo poema. No que tange à literatura endereçada a crianças e jovens, você acredita que é mais difícil contar uma boa estória utilizando uma estrutura menor, como a do poema?*

Ondjaki - Não, não deve ser verdade que navego com o mesmo prazer entre o conto e a poesia. Raras vezes tenho prazer ao escrever poesia. A palavra “prazer”, tal qual a imaginamos normamente, nem sei se poderá ser muito associada à escrita... Mas penso que escrever qualquer coisa concentrada, com essa estrutura menor, pode ser mais difícil. Pela intensidade. De qualquer modo, pelo menos para mim, é muito difícil sempre escrever literatura infantil.

Renata - *Estamos vivenciando um momento em que o entrecruzamento de códigos e linguagens transforma a literatura, em especial a infanto-juvenil. A criança é apresentada a novas linguagens que, originadas a partir do uso de recursos multimídias, reverterem o objeto primeiro, o livro. Quais os contributos desses recursos para a leitura literária? Que pontos positivos e negativos o autor Ondjaki destacaria?*

Ondjaki - Penso que há e haverá lugar para tudo. O livro, tradicional, nunca será substituído. É um objecto com carácter e história própria, não corre tantos riscos quanto se imagina. Estes novos formatos não-de evoluir ainda, contemplar novas tecnologias, mais som, mais imagens e coisas tecnológicas que ainda nem aconteceram. Mas o livro é o que é. Já é. E sempre terá os seus adeptos, ou não. É preciso é usar, e bem, os novos recursos para aproximar as crianças das literaturas. E a literatura poderá, no futuro, não passar sempre pelo livro tradicional.

Renata - *Promulgada no dia 9 de janeiro de 2003, a Lei nº 10.639 torna obrigatório o ensino da história e cultura africana nas escolas de Ensino Fundamental e Médio brasileiras. O segundo parágrafo da citada lei traz que “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileiras serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira”. Poderia dizer-me o que pensa sobre essa lei?*

Ondjaki - Penso que além de uma acção política muito clara, essa lei trouxe mais conhecimento ao Brasil e aos alunos brasileiros sobre matérias que a Educação Nacional do Brasil antes não incluía, nem sei se pensava. Agora está presente, haverá que melhorar livros e conteúdos, mas pelos vistos já começou uma maior divulgação da cultura africana em si, e da cultura africana na relacionada com o Brasil. Isto parece-me fantástico.

Renata - *Você é um artista que transita pelo teatro, pintura, artes plásticas e cinema. O contato com essas artes o auxilia na realização do produto literário?*



Ondjaki - Já não transito assim tanto... Sobretudo, escrevo. Gosto dessas áreas, assisto, leio sobre elas, mas a minha vida é a escrita. E sim, tudo o que é artístico me ajuda a pensar ou a melhorar a escrita. A arte, qualquer arte, é também o diálogo que directa ou indirectamente estabelecemos com as outras linguagens.

Renata - *Várias pesquisas comprovam que a Literatura Africana de Língua Portuguesa estabelece um diálogo com a literatura brasileira. Como o escritor Ondjaki vê essa intertextualidade?*

Ondjaki - Vejo com naturalidade, com alegria talvez. Acho que todos os diálogos culturais são positivos, sendo que obviamente entre Angola e Brasil há laços históricos muito fortes. Também acontece por vezes que essa intertextualidade, mais até do que as influências mútuas, ela acontece por via pessoal, por escolhas que não são, digamos, colectivas ou nacionais. Assim como outros autores poderão optar por uma intertextualidade que passe pela literatura portuguesa, ou alemã, ou senegalesa.

Renata - *Você acredita que um escritor possa assumir, nitidamente, que dialoga com outro ou isso poderia diminuir o valor de sua obra?*

Ondjaki - O que aumenta ou diminui a qualidade de uma obra é a sua qualidade. Com toda a subjectividade inerente a essa avaliação. Há diálogos sinceros e frutíferos, cabe a cada autor a declaração aberta dessas influências.

Renata - *Enquanto muitos autores ainda não tiveram a oportunidade de verem suas obras se tornarem objeto de pesquisa, com pouco mais de 30 anos você vive uma situação bem diferente. Como é essa sensação?*

Ondjaki - Não penso nisso. Apenas vejo que cada análise dessas é uma oportunidade para avançar na discussão e no tratamento de temáticas relacionadas com a literatura angolana. Se isso ajudar a divulgar a nossa literatura, melhor.

Entrevista concedida em setembro de 2011.
Aceita para publicação em abril de 2012.